

FIRMINO TEIXEIRA DO AMARAL



Pelêja do Cégo Aderaldo

com José Pretinho do Tucum

Completa 200

FIRMINO TEIXEIRA DO AMARAL

Pelêja do Cégo ADERALDO

com José Pretinho do TUCUM

Aprechem meus leitores
uma forte discussão,
que tive com Zé Pretinho
um cantadôr do sertão
o qual no tanger do verso
vence qualquer questão.

Um dia determinei
a sair do Quixadá,
uma das belas cidades
do Estado do Ceará
fui até ao Piauí,
ver os cantores de lá.

Hospedei-me em Pimenteira
depois em Alagoinha,
cantei no campo Maior
no Angico e na Balziinha
de lá eu tive um convite
para cantar na Varziinha.

Quando cheguei na Varziinha
foi de manhã bem cedinho,
então o dono da casa
me perguntou sem carinho
--cégo você não tem medo
da fama de Zé Pretinho?

Eu lhe disse: não senhor,
mas da verdade eu não zombo,
mande chamar esse preto
que eu quero dar-lhe um tombo
ele vindo um de nós dois
hoje ha de arder o lombo.

O dono da casa disse
— Zé preto pelo commo,
dá em dez ou vinte cégos
quanto mais tô sendo um
mandou ao Mucumanzeiro
chamar José do Tucum.

Chamou um dos filhos e disse:
--meu filho você vá já
dizer a José Pretinho
que desculpe eu não ir lá
e ele como sem falta
de noite venha por cá.

Em casa do tal Pretinho
foi chegando o portador,
foi dizendo: lá em casa
tem um cégo cantador
o meu pai manda dizer,
que vá tirar-lhe o calor.

Zé Pretinho respondeu:
--bom amigo é quem avisa,
meninoizei ao cégo

que vá tirando a camisa
mande benzer logo o lombo
que eu quero dar-lhe uma pisa.

Tudo zombava de mim
eu ainda não sabia,
que o tal Zé Pretinho
vinha para cantoria
as cinco horas da tarde,
chegou a cavalaria.

O preto vinha na frente
todo vestido de branco
seu cavalo encapotado
com o passo muito franco
riscaram de uma só vez,
todos do primeiro arranco.

Saudaram o dono da casa
todos com muita alegria,
e o velho satisfeito
folgava alegre e sorria
vou dar o nome do povo
que veio para a cantoria.

Vieram o capitão Duda
Tonheiro e Pedro Galvão,
Augusto, Antonio, Feltosa
Francisco, Manoel, Simão,
Sr. José Carpinteiro,
Francisco e Pedro Aragão.

O José da Cabeçalta
o seu Manoel casado
Chico Lopes, Pedro Rosa
e Manoel Bronzeado
Antonio Lopes de Aquino,
e um tal de «Pé Furado».

João Antonio de Andrade
Samuel e Jeremias
Sr. Mancel Tomaz
Manduca João de anenias
e velo o vigario velho,
cura de tres freguezias.

Foi dona Meridiana
do gremio das professôras
esta levou duas lillas
bonitas e encantadoras
essas eram da igreja,
as mais eximias cantôras.

Foi tambem Pedro Martins
Alfredo e José Raimundo,
Sr. Francisco Palmeira
João Sampelo Segundo
e um grupo de rapzes
do batalhão vagabundo.

Levaram o negro p'ra sala
e depois para a cozinha,
lhe ofereceram um jantar

De doce queijo e galinha
para mim veio um café,
com uma magra bolachinha.

Depois trouxeram o negro
e colocaram no salão,
assentado num sofá
com a viola na mão
junto uma escaradeira
para não cuspir no chão

Ele tirou a viola
dum saco novo de chita,
e cuja viola estava
toda enfeitada de lita
ouvi as moças dizendo ;
— grande viola bonita!...

Então para me sentar
botaram um pobre caixão,
já velho desmantelado
desses que vem com sabão
eu sentei ele envergon,
e me deu um beliscão.

Ea tirei a rabequinha
dum pobre caso de melo
um pouco desconflado
por está em terra alheia
ouvi as moças dizendo,
— meu Deus que viola feia!

Uma disse a Zé Pretinho
—a roupa do cego é suja
botem tres guardas na porta
para que ele não fuja
cego feio assim de oculos,
só parece uma coruja.

Disse o capitão Duda
como homem muito sensato
—vamos fazer uma bôlça
botem dinheiro no prato
que é mesmo que botar,
manteiga em venta de gato.

Disse mais eu quero vêr
pretinho espalhar os pés,
e para os dois cantadôres
tiron setenta mil reis
mas vou intelrar oitenta
da minha parte dou dez.

Me disse o capitão Duda
---cego você não estranha,
este dinheiro do prato
eu vou lhe dizer quem ganha
pertence ao vencedor
nada leva quem apanha.

Nisso as moças disseram
---já tem oitenta mil reis,
porque o capitão Duda

Da parte dele deu dez
se encontraram a Zé Pretinho
e botaram mais tres aneis.

Então disse Zé Pretinho
---de perder não tenho medo,
esse cégo apanha logo
falo sem pedir segredo
tendo isto como certo,
botou os aneis no dedo.

Afinamos os instrumentos
entramos em discussão
o meu gula disse a mim
--o negro parece o cão
tenha cuidado com ele,
quando entrar em questão.

CÉGO-- Eu lhe disse: seu José
sei que o senhor tem ciencia
parece que é dotado
da Divina Providencia
vamos saudar o povo,
com a sua justa excellencia.

PRETINHO-- Ssi dai cégo amarelo
côr de couro de toucinho,
um cégo da tua forma
chama-se abusa visinho
aonde eu botar os pés
cégo não bota o focinho.

C.-Já vi que seu pretinho
 é um homem sem ação,
 como se maltrata outro
 sem haver alteração:
 eu pensava que o senhor
 possuísse educação.

P--Este cêgo bruto hoje
 spanha que fica rôxo,
 cara de pão de cruzado
 testa de carneiro môcho
 cêgo tú és o bichinho
 que quando come vira o côxo.

C.-Seu José o seu cantar
 merece ricos fulgores,
 merece ganhar na sala
 rosas e trovas de amôres
 mais tarde as meças lhe dão,
 bonitas palmas de flôres.

P--Cêgo eu creio que tú és
 da raça de sapo sunga,
 cêgo não adora a Deus
 o seu do cêgo é calunga
 donde os homens conversam,
 o cêgo chega e resmungam.

C.-Zé Preto não me aborreça
 com o teu cantar ruim,
 o homem que canta serio.

Não trabalha em verso assim
tirando as faltas que tem,
botando em cima de mim.

P--Cala-te cêgo ruim
cêgo aqui não faz figura,
cêgo quando abre a boca
é uma mentira pura
o cêgo quanto mais mente
linda mais sustenta e jura.

O--Este nêgro foi escravo
por isso é tão positivo,
quer ser na sala de branco
exagerado e ativo
negro da canela sêca,
todo ele foi cativo.

P--Dou-te uma surra
de cipó de urtiga,
te furo a barriga
mais tarde tû urra
hoje o cêgo esturra
pedindo socorro
sal dizendo eu morro
meu Deus que fadiga
por uma intriga,
eu de medo corro

C.--Se eu der uma tapa
num negro de lama,
ele come lama
dizendo que é papa
eu rompo-lhe o mapa
lhe rasgo de espóira
o negro hoje chóra
com febre, e com ingua
eu lhe deixo a lingua,
com um palmo de fóra.

P.--No sertão eu peguei
um cégo malcreado,
danei-lhe o machado
caiu eu sangrei
o couro eu tirei
em regra de escala
espichei-o na sala
puchei para um béco
e depois de sêco,
fiz dele uma mala.

C.--Negro é monturo
mulambo rasgado,
cachimbo apagado
recanto de muro
negro sem futuro
perna de tição,
bôca de purão
beijo de gamela
venta de muéla
moleque ladrão.

P--Vejo a coisa ruim
o cégo está danado,
cante moderado
que não quero assim
olhe para mim
que sou verdadeiro
sou bom companheiro
canto sem maldade
eu quero a metade
cégo de dinheiro.

C--Nem que o negro seque
a engulideira,
peça a noite inteira
que eu não lhe abeque
mas este moleque
hoje dá pinote
boca de bispôte
venta de boeiro
tú queres dinheiro.
eu dou-te chicôte

P--Cante mais moderno
perfeito e bonito,
como tenho escrito
cá no meu caderno
sou seu subalterno
embóra extranho
creio que apanho
e não dou um caldo
lhe peço Aderaldo
repartas o genho.

C--Negro é raiz
que apodreceu,
casca de judeu
moleque infeliz
vai para teu paiz
se não eu te surro
dou-te até de murro
te tiro o regalo
cara de cavalo.
cabeça de burro.

P.--Fale de outro jeito
com melhor agrado,
seja delicado
cante mais perfeito
olhe eu não aceito
tanto desespéro
cantemos maneiro
com verso capaz
façamos a paz,
e parta o dinheiro.

O--Negro careteiro
eu te rasgo o giba,
cara de guariba
pagé feiticeiro
queres dinheiro
barriga de angú
barba de quandú
camisa de saia
te deixo na praia,
escovando urubú.

P.--Eu vou mudar de toada
 para um que meta mêdo,
 nunca encontrei cantador
 que desmanchasse esse enrêdo
 é um dêdo é um dado é um dia
 é um dia, é um dado é um dêdo

C.--Zé Preto este teu enrêdo
 te serve de zombaria,
 tú hoje cógas de raiva
 o diabo será o teu gula
 é um dia é um dado é um dêdo
 é um dêdo, é um dado é um dia.

P.--Êgo respondeste bem
 como quem estivesse estudado,
 eu tambem da minha parte
 canto verso aprumado
 é um dado é um dia é um dêdo
 é um dêdo, é um dia é um dado.

O.--Vamos lá José Pretinho
 que eu já perdi o mêdo,
 sou bravo como um leão
 sou forte como um penêdo
 é um dêdo é um dado é um dia
 é um dia, é um dado é um dêdo.

P.—Ógo agora puxa uma
das tuas belas toadas,
para ver se estas meças
dão algumas gergalhadas
quasi todo povo ri
só as meças estão caladas.

O.—Amigo José Pretinho
eu nem sei o que será,
de você depois da luta
você já vencido está
quem a paca cara compra,
paca cara pagará.

P.—Ógo estou apertado
que só um pinto no ovo
estás cantando aprumado
e satisfazendo o povo
mas este tema de paca
faz favor diga de novo.

C.—Disse uma vez digo dez
no cantar não tenho pompa
presentemente não acho
quem o meu mapa rompa
paca cara pagará,
quem a paca cara compra.

P.—Ógo teu peito é de aço
foi bom ferreiro que fez,
pensei que o cégo não tinha

no verso tal rapidez
cégo se não é massada
repita a paca outra vez.

C.--Arre com tanta pergunta
desse negro capivara
Não há quem cuspa p'ra cima
que não lhe caia na cara
quem, a paca cara compra,
pagará a paca cara.

P.--Agora cégo me ouça
cantarei a paca já,
tema assim é um burrêgo
no bico de um carcará
quem a caca cara compra
caca cara carcará.

Houve nm trovão de risadas
pelo verso do Pretinho,
o capitão Duda disse:
—arreda p'ra lá negrinho
vai descançar o juizo
que o cego canta sosinho.

Ficou vaiado o pretinho
e eu lhe disse: me ouça
José quem canta comigo
pega devagar na louça
agora o amigo entregue,
o anel de cada meça.

Desculpe José Pretinho
se não cantei a teu gosto
negro não tem pé tem gancho
não tem cara mas tem resto
negro na sala de branco,
só serve p'ra dar desgosto

Quando eu liz este verso
com a minha rabequinha,
procurei o negro na sala
já estava na cosinha
de volta queria entrar
na porta da camarinha.

T. IV

FIM Recife, 31-8-944

Preço 1 Cruzeiro





BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).